

NIETZSCHE E SAINT-EXUPÉRY: O SUPER-HOMEM E O PEQUENO PRÍNCIPE REVELAM-SE NO SONHO E NA EMBRIAGUEZ

(NIETZSCHE AND SAINT-EXUPÉRY: THE SUPERMAN AND THE LITTLE REVEAL THEMSELVES IN DREAMS AND IN DRUNKNESS)

JOSÉ GERARDO VASCONCELOS¹

RESUMO

O estudo aqui desenvolvido tem o objetivo de analisar a relação que, de alguma forma, se consubstancia na tragédia nietzscheana entre o apolíneo e o dionisíaco. Essa relação que se expressa, para Nietzsche, no espírito da música, é reencontrada na constituição do sonho apolíneo e na embriaguez estética proposta pelas mutações teatrais dionisíacas que, dentre outras coisas, canta a poesia trágica e leva ao esquecimento o apolíneo. No *Pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, encontramos uma aproximação constituída no sonho e na embriaguez, o que nos permite um diálogo no centenário da morte de Nietzsche e do nascimento de Saint-Exupéry.

Palavras-Chaves: sonho; embriaguez; fantasia; Apolo; Dioniso

INTRODUÇÃO

O ano de 1871² recebe um grande presente – a publicação do livro *O Nascimento da tragédia no espírito da música*. Escrito em um período de conflitos entre França e Alemanha, ou seja, em plena Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), o seu autor – Friedrich Nietzsche – que se encontrava em algum recanto per-

didado dos Alpes e encantado com a literatura grega, revela-se posteriormente um dos críticos mais severos do próprio livro, considerando-o ...

...mal escrito, pesado, penoso, frenético e confuso nas imagens, sentimental, aqui e ali açucarado até o feminino, desigual no tempo [ritmo], sem vontade de limpeza lógica, muito convencido e, por isso, eximindo-se de dar demonstrações, desconfiando inclusive da conveniência do demonstrar, como livro para iniciantes, como "música" para aqueles que foram batizados na música (Nietzsche, 1998, p. 15-16).

Nietzsche contava 27 anos³ e parecia estar alheio aos problemas da Alemanha. Interessava-se pelo pensamento grego clássico e, nesse contexto, dava primazia à tragédia. É aqui que encontramos um esboço de figuras importantes que posteriormente apareceriam na tragédia nietzscheana. Qual o lugar do apolíneo e do dionisíaco na tragédia grega? Qual a relação do sonho e da embriaguez no espírito da música?

Tem esse estudo o objetivo de analisar a possível relação da tragédia nietzscheana com

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará; Editor-Chefe da Revista *Educação em Debate* da Faculdade de Educação da UFC. Bacharel em Filosofia Política e Doutor em Sociologia

² O dia 28 de janeiro de 1871 foi o marco da capitulação francesa diante das tropas alemãs na Guerra Franco-Prussiana. Ocorreria ainda neste mesmo ano, de 18 de março a 28 de maio, a insurreição da Comuna de Paris, quando os trabalhadores tomam a cidade de Paris e conquistam importantes vitórias, tais como igualar os seus integrantes com um salário de operário, transformar o exército em milícias populares, instituir o ensino laico, público e gratuito, além da democracia direta, em que todos os cargos de direção deveriam ser eleitos e destituíveis a qualquer momento. No dia 4 de setembro do mesmo ano, ocorre a proclamação do que ficou conhecida como a III República.

³ Friedrich Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 em Röcken, próximo a Leipzig. Em 1849, em razão do falecimento do pai, sua família muda-se para Nuremberg. Em 1858, com 14 anos, recebe uma bolsa de estudos para a famosa escola Pforta, que abrigou poetas famosos como Novalis e filósofos como Fichte. Parte para Universidade de Bonn, local onde se dedicou ao estudo da Teologia e Filosofia. Em 1867, com 23 anos, foi requisitado pelo serviço militar, o que rapidamente o desobrigou em razão de um acidente de montaria. Em seguida, vai para a cidade de Leipzig, onde se dedica à Filologia. Seus referidos estudos incluíam autores como Diógenes de Laércio, Hesíodo e Homero e resultaram em vários trabalhos, a partir dos quais foi nomeado, em 1869, professor de Filologia da Universidade de Basileia. Contava 25 anos e permaneceu nesta localidade por mais 10 anos.

A
R
T
I
G
O

BRUNO

o **O Pequeno príncipe** de Antoine de Saint-Exupéry. A primeira relação possível é o ano de 1900. Um século nos separa deste ano marcado por muitos acontecimentos e, dentre tais, dois, pelo menos, merecem destaque aqui neste trabalho. Neste ano, Nietzsche morreria em Weimar, profundamente debilitado por uma paralisia progressiva, provavelmente de origem sífilítica, com 56 anos incompletos. No mesmo ano, no dia 29 de junho nascia Saint-Exupéry⁴.

O ano de 1900 é marcado não só pelo último ano do século XIX, mas representava uma grande sensação de euforia na Europa. O êxito econômico e a idéia de progresso justificavam-se plenamente com as revoluções técnicas que coabitavam como os novos sentidos advindos no limiar do século XX.

O que encontramos nessa tênue passagem do século XIX para o século XX é a era do aço e da eletricidade. A energia limpa ilumina as grandes cidades em contraposição à “sujeira” deixada pelo carvão. A telegrafia marcava outras possibilidades comunicativas. Somem-se a isso o motor de combustão interna e o dínamo. O petróleo passa a ser utilizado como energia. Não se podem esquecer os inventos mais espetaculares como o submarino, o automóvel e o cinema, além das rotativas e da linotipo, que tornavam as publicações e os jornais mais baratos e capazes de atingir um grande público. Estamos na era da cultura de massas. Vivemos na era da teoria dos *quanta* e da relatividade.

Para coroar essa passagem para o século XX, temos a inauguração do *metrô* de Paris (1900). O *espírito moderno* é aqui o marco civilizatório de um tempo de progresso.

Todavia, não se poderia esperar que todo o progresso pudesse ser interrompido. Não se poderia imaginar que os instrumentos tecnológicos fossem utilizados como armas de guerra. A Europa vive o progresso tecnológico de um lado, mas, de outro, assiste perplexa à aprovação dos créditos de guerra pela social-democracia alemã.

Dividiremos este trabalho em três partes: Na primeira, refletiremos sobre a história e o esquecimento em Nietzsche a partir do *sonho* e da *embriaguez* contidos na **Origem da tragédia no espírito da música**, articulados, principalmente, com o **Assim falou Zaratustra**. Em seguida, pensaremos o sonho, a embriaguez e o esquecimento em **O Pequeno príncipe**, de Saint-Exupéry.

⁴ Embora não tenha escrito somente o livro **O Pequeno príncipe**, Saint-Exupéry notabilizou-se pela façanha de vender mais de 8 milhões de cópias e ter sua obra traduzida para mais de 150 idiomas. Era aviador profissional e, incluiu a aviação na sua fábula. Escrito no exílio, em New York, quando fugia da ocupação nazista em Paris no ano de 1939, o livro foi publicado em 1943, um ano antes do desfecho trágico de sua morte em decorrência do acidente aéreo ou suicídio, ocorrido em julho de 1944.

⁵ De acordo com Brandão (1999, p. 85), *o Apolo pós-homérico vai progressivamente reunindo elementos diversos, de origem nórdica, asiática, egípcia e sobretudo helênica e, neste último aspecto, conseguiu suplantar por completo Hélio, o Sol propriamente dito. Fundindo numa só pessoa e em seu mitologema, influências e funções tão diversificadas, o deus de Delfos tornou-se uma figura mítica deveras complicada. São tantos os seus atributos, que se tem a impressão de que Apolo é um amálgama de várias divindades, sintetizando num só Deus um vasto complexo de oposições.*

APOLO E DIONISO: O SONHO E EMBRIAGUEZ COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA LEMBRANÇA E DO ESQUECIMENTO

Em **O Nascimento da tragédia no espírito da música**, publicado em 1871 e traduzido por J. Guinsburg com o título **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**, Nietzsche argumenta que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do *apolíneo* e do *dionisíaco*

...entre arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática (Nietzsche, 1998, p. 27).

Essa duplicidade é constituída na vontade helênica norteando o espírito da música. Todavia o que se pode reencontrar no sonho e na embriaguez? Como revisitar a fantasia constituindo um arcabouço de símbolos propulsores de instantes e acontecimentos silenciosos? É possível ver o invisível? Embriagar o mundo é necessariamente lançar a humanidade ao abismo ou trespassar a subjetividade humana na sua ânsia de criação e passionalidade. É nesse caso que procuraremos respostas inferindo a harmonia e o equilíbrio apolíneo, para, em seguida, fazer jorrar a embriaguez e suas paixões.

Apolo, o Deus da beleza, da harmonia estética e do equilíbrio

Apolo⁵ é a representação do equilíbrio e da harmonia. É saudado na mitologia por inúmeros atributos

tos. Deus da luz, Apolo é o brilho e a força do Sol. Nasce no dia sete do mês délfico. Sua lira possuía sete cordas. Sua doutrina contém sete máximas. É o Deus da sétima porta, de acordo com as ilações de Ésquilo.

Alto, bonito e majestoso, o deus da música e da poesia se fazia notar antes do mais por suas mechas negras, com reflexos azulados, "como as pétalas do pensamento". Muitos foram assim seus amores com ninfas e, por vezes, com simples mortais (Brandão, 1999, p. 87).

Amou a ninfa náiaide Dafne⁶, filha do deus-rio Peneu. Com a ninfa Cirene, teve o semideus Aristeu

Também as musas não escaparam aos seus encantos. Com Talia foi pai dos Coribantes, demônios dos cortejos de Dionísio; com Urânia gerou o músico Lino e com Calíope teve o músico, poeta e cantor insuperável Orfeu. Seus amores com a ninfa Corônís, de que nascerá Asclépio(...). Com Marpessa, filha de Eveno e noiva do grande herói Idas, o deus igualmente não foi feliz. Apolo a desejava, mas o noivo a raptou num carro alado, presente de Poseidon, levando-a para Messena, sua pátria. Lá, o deus e o mais forte e corajoso homem se defrontaram. Zeus interveio, separou os dois contendores e concedeu à filha de Eveno o privilégio de escolher aquele que desejasse. Marpessa, temendo que Apolo, eternamente jovem, a abandonasse na velhice, preferiu o mortal Idas. Com a filha de Príamo, Cassandra, o fracasso ainda foi mais acentuado(...). Em Cólifon, o deus amou a advinha Manto e fê-la mãe do grande advinho Mopso(...). Com Evadne teve Íamo, ancestral da célebre família sacerdotal dos Iâmidas (Brandão, 1999, p. 87-88).

Para Nietzsche (1998, p. 28), o grande plasmador apolíneo representa o mundo do sonho em cuja produção *cada ser humano é um artista consumado*. Nesse caso, a experiência onírica resplandece em enlances divinatórios que se consubstanciam no reino da luz e da fantasia

Apolo, na qualidade de deus dos poderes configurados, é ao mesmo tempo o deus divinatório. Ele, segundo a raiz do nome o "resplandente", a divindade da luz, reina também sob a bela aparência do mundo interior da fantasia.

Dionísio, o Deus da embriaguez, do êxtase e do entusiasmo

Dioniso⁷ é trazido a nós pela representação da embriaguez. É a personificação do vinho. Inventor do teatro. Por isso está associado a Melpomene, a musa da tragédia. Também por isso é o deus da transformação (metamórphosis).

Dioniso se constitui na embriaguez através da reelaboração da divindade sem deus. É o deus perseguido. Todavia,

...a perseguição a Dioniso, sob a perspectiva mítica, faz parte de um rito iniciatório e catártico: a purificação pela água. Este é um dos temas bem atestados em quase todas as culturas primitivas. O episódio da perseguição aparece em determinados momentos das festas e cerimônias a que o filho de Sêmele presidia (Brandão, 1999, p. 115).

Sob a magia de Dioniso ou sob a influência da beberagem narcótica, tal como Nietzsche afirma na **Origem da tragédia no espírito da música**,

...todos os povos e homens primitivos falam em seus hinos, ou com a poderosa aproxi-

⁶ Apolo, gracejando Eros em relação às suas flechas, motiva o filho de Afrodite a comprovar o venenoso poder de suas flechas amorosas. Contudo, Eros não só possuía o dom de causar amor ferindo com as pontiagudas flechas, mas, também, a repulsa. Isso ocorre com Dafne que, flechada com a flecha da repulsa, vê Apolo desesperado perseguir-lhe, picado com a flecha do amor. A ninfa se desespera e não corresponde aos desejos de Apolo. Quando estava perto de ser alcançada pelo deus, pede ao pai que a ajude. O pedido foi atendido pelo deus-rio que a metamorfoseia em um loureiro, árvore predileta de Apolo.

⁷ Segundo Brandão (1999, p. 117), *viu-se que o deus do êxtase e do entusiasmo, até mais ou menos a década de 50, era considerado como uma divindade que chegara tardiamente à Hélade. Pois bem, a partir de 1952, as coisas se modificaram: é que a decifração de uma parte dos hieróglifos cretomicênicos por Michael Ventris, segundo se mostrou no Vol. I, p. 53, ou mais precisamente, a decifração da Linear b, consoante a classificação de Arthur Evans, demonstrou que o deus já estava presente na Hélade pelo menos desde o século XIV ou XIII ac, conforme atesta a tabela X de Pilos. Há de se perguntar por que um deus tão importante, já documentado no século XIV, só se manifesta, e de forma aparentemente grotesca, no século IX, e só a partir dos fins do século VII a C. tem sua entrada solene na mitologia e na literatura? É quase certo que o adiado aparecimento de Dionísio e sua tardia explosão no mito e na literatura se deveram sobretudo a causas políticas (...). Dionísio é um deus humilde, um deus da vegetação, um deus dos campônios. Com seu êxtase e entusiasmo, o filho de Sêmele era uma séria ameaça à polis aristocrática (Brandão, 1999, p. 117).*

mação da primavera a impregnar toda natureza de alegria, despertam aqueles transportes dionisíacos, por cuja intensificação o subjetivo se esvanece em completo auto-esquecimento (Nietzsche, 1998, p. 30)

A harmonia e a necessidade da medida eram exigidas nas configurações apolíneas. O dionisíaco trouxe a desmesura e a desconfiguração. É necessário ultrapassar a aparência em busca de novos signos ou mediações estéticas. É que a possibilidade da criação não se inscreve no campo normativo.

O indivíduo, com todos os seus limites e medidas, afundava aqui no auto-esquecimento do estado dionisíaco e esquecia os preceitos apolíneos. O desmedido revelava-se como a verdade, a contradição, o deleite nascido das dores, falava por si desde o coração da natureza. E foi assim que, em toda parte onde o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado (Nietzsche, 1998, p. 41).

É nesse campo que a pedagogia dionisíaca se interpõe ao normativo e transforma deus no artista que, do palco da vida, reescreve e reinventa o mundo. No **Assim falou Zaratustra**, Nietzsche (1986, p. 58) afirma:

Eu acreditaria somente em um deus que soubesse dançar. E, quando vi o meu Diabo, achei-o sério e metódico, profundo, solene: era o espírito de gravidade (...). Não é com ira que se mata, mas com riso. Eia, pois vamos matar o espírito de gravidade!

A constituição da amizade é tematizada no **Assim falou Zaratustra** (Nietzsche 1986, p. 72) da seguinte forma: *Se queres ter um amigo, devemos querer, também, guerrear por ele; e, para guerrear, é preciso poder ser inimigo*. Essa constituição da amizade infere a reelaboração de sentidos invisíveis, sentidos esses constituídos no campo de uma ambigüidade e de uma segmentação atravessadas por fluxos que se estendem em processos de fugas ou de linhas que migram para outros territórios. A amizade intensiva soma-se e multiplica-se às multiplicidades de relações e constituições maquínicas da vida.

Para Deleuze (1996, p. 7), no **Anti-Édipo**, *uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta(...). É assim que todos somos bricoleurs, cada um com as suas pequenas máquinas*.

Um fluxo e um corte abalam o espaço da certeza e iluminam as velas do acaso. É a valorização do que outrora fora sem sentido. Um lugar que não tem lugar, feito ou desfeito na sua genealogia. É na embriaguez dionisíaca que o inusitado pode sentar-se à mesa e celebrar, na ceia da história, os campos minados de vozes perdidas, vidas ausentes, mágoas que se foram e ressentimentos esquecidos. É na história que o principal da vida poderá acordar sem se retrair e se reconstituir no grande teatro da história.

SONHO E EMBRIAGUEZ NO PEQUENO PRÍNCIPE DE SAINT-EXUPÉRY

Necessário se faz revelar o sonho e a embriaguez como elementos constituidores de acasos e riscos que dilaceram as entranhas e os sentidos lineares na história. Para tal, recomporemos inicialmente o diálogo e a transmutação do camelo, do leão e do menino. Em seguida, revelaremos a possibilidade do sonho e, finalmente, a integração da embriaguez na constituição da fantasia e do esquecimento.

O camelo, o leão e o menino ou a submissão, a força e a inocência

Conforme anunciara Nietzsche (1986), no livro I do **Assim falou Zaratustra**, principalmente quando se refere ao discurso de Zaratustra, encontramos elementos que nos possibilitam analisar a inocência e o esquecimento. Na fábula das três metamorfoses há que se pensar os motivos pelos quais o espírito *se torna camelo, e o camelo leão, e o leão, por fim, criança*.

Os fardos são lançados em demasia ao espírito que quer ser livre e o peso da norma o impede de voar. Esse vôo é inviabilizado pelo peso da carga que impõe ao seu carregador metas extremamente severas. Tem-se ainda o que há de mais pesado e que se consubstancia na figura do herói: o peso da temporalidade que se desmancha nos prantos de silêncio ou numa estética da existência que fora transfigurada pela realidade.

O fardo passa a magoar o próprio orgulho. Revela, nas luzes que se acendem, o lado retraído da vida ou simplesmente os dissabores da fantasia que enaltecem os sentidos da imaginação, em campos excluídos no nosso próprio *locus* de imanência.

O camelo, conforme fora construído na tragédia nietzscheana, recebe a carga e atravessa o longo deserto para o próprio deserto. Submisso, adestrado, chega até a se confundir com a própria carga que carrega. Olha com os olhos da culpa e, nesse caso, deve

anular qualquer fantasia ou possibilidade de emancipação. A sua autonomia é invertida pela carga que carrega e passa, nesse momento, a ser um partícipe de lugar nenhum.

Entretanto, conforme assinala Nietzsche (1986, p. 44), *no mais ermo dos desertos, dá-se a segunda metamorfose: ali o espírito torna-se leão, quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto*. É que o leão, na sua realeza, impõe-se ao fardo e não se submeteria à carga de forma tão pacífica.

O leão deseja lutar. Afinal de contas, ele é o rei dos animais. Quer devorar o último senhor que, de agora em diante, se torna o seu inimigo. Não teme deus, pois a sua glória seria alimentar-se com o corpo divino, mesmo que crucificado. Além disso, ele corre em busca do dragão. Ele agora é absoluto em sua força. As suas garras, movidas pela agilidade de um felino, impõem ao inimigo o fim da compaixão. Não se pode, nesse caso, apresentar a culpa ao predador que, no seu risco, sabe das suas possibilidades. Isso passa a ser encantador.

Os valores transfiguram-se na sua transvalorização. Na busca do dragão, é restabelecido novo alento aos demolidores de normas. Devore as normas e o homem viverá plenamente e, assim, poderá até brincar. Restam então os novos valores? Nietzsche (1986, p. 44) afirmaria: *Isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações*.

Precisa-se do leão. Ele pode dizer não ao instituído. Pode devorar as normas:

Conquistar o direito de criar valores – essa é a mais terrível conquista para o espírito de suportaçao e de respeito. Constitui para ele, na verdade, um ato de rapina e a tarefa de um animal rapinante (Nietzsche, 1986, p. 44).

Diante de tanta demonstração de força e de autonomia, o que restaria fazer? Qual o lugar da criança? A força do leão já não é bastante para seguir as trilhas da liberdade? Perguntaria Nietzsche (1986, p.44): *Por que o rapace leão precisa ainda tornar-se criança?* Nietzsche (1986, p. 44) responderia: *Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer “sim”*.

É que para o jogo da criação é preciso dizer sim. São necessárias a transgressão e a paixão. É preciso ser louco e, na loucura, ter a possibilidade de transformar o instituído. **O Pequeno príncipe**, de

Saint-Exupéry, oferece-nos esse presente onírico. Essa fantasia que é capaz de falar a nossa alma e de alimentar o nosso espírito infantil.

O sonho pode sobreviver apesar da realidade

O sonho alerta os homens. Pode mover o seu encanto na sublime possibilidade de transcender o tempo. O homem pode voar e saltar sobre o céu. Pode abarcar a tempestade e criar animais perigosos. Pode, acima de tudo, ver o invisível. Pode tornar-se qualquer coisa em qualquer lugar e obter qualquer resultado.

A capacidade de encantar-se com o inusitado é tarefa que cabe ao ser humano. Não se pode bloquear o medo do complexo campo da realidade e o dialógico intuito de saber que se pode e se deve sonhar. Todavia, para se entender essa possibilidade, teríamos que ousar reviver a inocência que cohabita nosso corpo e nossa possibilidade de ser gente grande.

Nossas metas são marcadas pelo delírio da responsabilidade imposta em códigos lúgubres e desencantados pelos atributos dos documentos e/ou por disputas políticas e socio-econômicas. A simplicidade do sonho pode consubstanciar, nas marcas da temporalidade, sentidos ou atributos polifônicos, réplicas mnemônicas recriadas, mimetismo acentuado das dialogias transfiguradas, ressonâncias de instantes que se inscrevem na pauta diluída de uma racionalidade atroz que insiste em deixar rastros de dissabores ou simplesmente a possibilidade de esquecer a dor para continuar a lançar todas as pontes possíveis.

O sonho do invisível ou da invencibilidade do herói encontra um lugar nas representações do vôo ou no fato de cair do céu. Surge, nesse acaso do deserto, não somente o camelo ou o leão, mas a criança. Nesse caso, só a criança pode compreender o primeiro desenho feito a lápis de cor, com seis anos de idade, após longa reflexão, através da vontade de viver tomada pelo risco ou simplesmente pelos perigos de uma selva imaginária. Esse desenho que parecia um chapéu para os não entendidos, seres dotados de “racionalidade” e/ou “genialidade”, era simplesmente uma jibóia que acabara de engolir um enorme elefante. Só a inocência poderia entender que, para além do visível e do instituído, existe um mundo maravilhoso que não se pode ver com os olhos, mas com as nossas paixões ou nossos desejos.

O mesmo aconteceria com o carneiro que *Le Petit Prince* gostaria de levar ao seu planeta. Pois desceria do céu ou do seu mundo em busca de sonho e fantasia. Mas o seu mundo é muito pequeno. Quem

sabe, é um quarto de apartamento que só abriga uma pequena cama e uma estante, também minúsculos...

O tal carneiro não consegue ser constituído na sua visibilidade. É necessário inventar um novo carneiro e desenhá-lo no papel. No primeiro desenho, o carneiro estava doente. Um ar transfigurado lhe caía pela triste face. É como se caminhasse para um abatedouro. Esse carneiro doente não esconde a sua fragilidade e impotência. Ele passa a ser rejeitado pelas necessidades de *Le Petit Prince*.

Nova tentativa se inscreve e toma lugar no papel. Mais uma vez a recusa da ingenuidade assume o lugar que busca no encanto um objetivo marcado pela fantasia. O carneiro transforma-se em bode. E, nesse caso, *Le Petit Prince*, ao perceber os chifres, recusa-se a aceitar um bode no lugar de seu carneirinho.

Outra tentativa recusa a gravura do carneiro. O fato é que o seu semblante reflete o cansaço e o peso da idade. O novo carneiro ofertado estava muito velho para uma criança. O seu corpo não poderia se habituar às peripécias infantis. Esse também não serve, é muito visível.

É, nesse caso, que o carneiro passa a encantar a inocência do menino-príncipe. O carneiro é desenhado imaginariamente dentro de uma pequena caixa que apresenta alguns pequenos orifícios para possibilitar a respiração. «Vê-se claramente» que o carneiro está feliz. Isso pode ser imaginado no seu semblante. Eis o carneiro. É isso que se deseja. Todavia, ele só pode ser captado pelo sentido do carneiro ou por necessidades da alma. É preciso ver o invisível, sentir o inexistente ou simplesmente dar vida ao sonho.

As possibilidades do diálogo entre *Le Petit Prince* e o homem grande inscrevem na fantasia as marcas civilizatórias que impedem o outro de ser outro. O homem promete uma corda e uma estaca para amarrar o carneiro durante o dia. Isso parece assustar *Le Petit Prince*.

- Amarrar ? *Que idéia esquisita !*
- Mas se tu não o amarras, ele vai-se embora e se perde
- E meu amigo deu uma nova risada:*
- Mas onde queres que ele vá?
- Não sei... Por aí... Andando sempre para frente.
- Então o princepezinho observou, muito sério:*
- Não faz mal, é tão pequeno onde moro!
- E depois, talvez com um pouco de melancolia, acrescentou ainda:*
- Quando a gente anda sempre para frente, não pode mesmo ir longe (Saint-Exupéry, 1997, p. 14-16).

Que idéia terrível ter que amarrar o outro, mesmo que o outro seja um carneiro! Ir para frente ou lançar pontes abre as fronteiras da temporalidade ou simplesmente fura as mônadas de Leibniz, trespassa a dureza da unidade, partindo-a e cortando-a em vários pedaços, gerando o múltiplo e o diferente.

As pequenas coisas transbordam no cotidiano e nas grandiosas intenções da humanidade. O grande necessita submeter ou anular o fragmento. Isso pode ocorrer inclusive com o tempo ou com a organização espacial. Os pequenos asteróides podem nem existir que continuarão existindo. O grandes planetas cadastrados pela “genialidade” encobrem os pequenos asteróides numerados sem grandes rituais de descoberta. Mas o pequeno ou precisamente o asteróide B 612 era um lugar de onde provinha *Le Petit Prince*. Parte em busca da amizade ou um lugar partilhado pela vida.

É possível esquecer um amigo ? Tem-se na saudade o dilema da perda, da busca e da vontade. O esquecimento é proposto ao homem que não consegue prolongar a dor. Entretanto, o esquecimento é marcado pela lembrança, assim como a lembrança se constitui no esquecimento. Pode inclusive saber que o ato de lembrar ou de narrar as lembranças possam esconder as amarguras de dolorosas perdas.

Porque eu não gosto que leiam meu livro levemente. Dá-me tanta tristeza narrar essas lembranças ! faz já seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não o quero esquecer. É triste esquecer um amigo (Saint-Exupéry, 1997, p. 18-19).

Um dia *Le Petit Prince* interrogara sobre as preferências alimentares do carneirinho. Eles comem baobá ? Uma árvore enorme e poderosa é o baobá. Contudo, o baobá é pequeno antes de crescer e, além disso, é preciso lembrar que *as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma cisme em despertar.* A relação entre o grande e o pequeno, o feio e o belo, o quente e o frio, o bem e o mal, a saúde e a doença, não pode ser inscrita em relações binárias, dicotomizadas e antinômicas. As coisas e as pessoas simplesmente são diferentes.

O planeta do princepezinho estava infestado de baobás. Pelo tamanho do planeta, em comparação com o tamanho do baobá, poderia acontecer a destruição do pequeno planeta. Mas, por que viver em um planeta tão pequeno que não suporta o tamanho de um baobá? O lugar pode repor outros caminhos e outras réstias de felicidades que, mesmo efêmeras, são intensas nas sua configuração.

O pequeno planeta pode ser um belo lugar para ver o pôr-do-sol. E se fosse possível vê-lo mais de uma vez por dia? *Le Petit Prince* afirma tê-lo visualizado 43 vezes em um mesmo dia. Isso pode trazer grande felicidade ou, quem sabe, revelar o momento de enorme tristeza.

A lembrança e a impostura de acasos socorrem os espinhos que as pequenas coisas podem fabricar. A beleza de uma flor pode revelar o seu segredo ou marcas de espinhos, deixados para causar uma pequena dor e proporcionar a quem observa o belo a possibilidade de combate e de guerra. A ingenuidade de uma flor esconde a força do espinho quase imperceptível.

O carneiro pode devorar a semente de baobá e também a flor. Todavia, a beleza da flor pode ser lembrada ou esquecida. Temos que partir para nossos encantos ou novas descobertas. Despedimo-nos em rituais propulsores de saudade e corremos em busca do tempo e encontramos o rei.

O rei necessita de súditos para impor atos de obediência. O poder de mando do rei, no entanto, é inválido junto ao inocente sentido que transborda nos caminhos obscuros e retraídos da vida. A necessidade de obediências pode aplinar a a vontade do rei.

– *Majestade... Eu vos peço perdão de ousar interrogar-vos...*

– *Eu te ordeno que me interrogues, apressou-se o rei a declarar.*

– *Majestade... sobre quem é que reinais?*

– *Sobre tudo, respondeu o rei, com uma grande simplicidade*

– *Sobre tudo?* (Saint-Exupéry, 1997, p. 36).

O poder de mando é precedido da vontade de obedecer. A servidão pode ser voluntária. Ela sustenta a dominação. Cria o rei dando-lhe sustentação. Mas o rei interlocutor de *Le Petit Prince* estava amedrontado com um poderoso rato que coabitava o seu planeta. Para livrar-se de tão poderoso inimigo, ordena a *Le Petit Prince* que extermine o animal. Entretanto, a resistência ocorre abruptamente:

– *Eu, respondeu o princepezinho, eu não gosto de condenar à morte, e acho que vou mesmo embora.*

– *Não, disse o rei.*

Mas o princepezinho, tendo acabado os preparativos, não quis afligir o velho monarca:

– *Se Vossa Majestade deseja ser prontamente obedecido, poderá dar-me uma ordem razoável. Poderia ordenar-me, por exemplo,*

que partisse em menos de um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis...

Como o rei não disse nada, o princepezinho hesitou um pouco; depois suspirou e partiu.

– *Eu te faço meu embaixador, apressou-se o rei em gritar.*

Tinha um ar de grande autoridade

– *As pessoas grandes são muito esquisitas, pensava durante a viagem, o princepezinho.*

(Saint-Exupéry, 1997, p. 40).].

O sonho em sua vaidade e sua força parece com-padecer-se com o resto do mundo. Constituiu a sua vida no império de um iluminado mundo que se faz belo ou torna-se belo pelo encontro que pode ser revelado e ampliado na embriaguez.

A embriaguez move-se no esquecimento

No *Ecce Homo*, Nietzsche (1983f, p. 372) afirmaria: *quem quer desvencilhar-se de uma pressão insuportável tem a necessidade de haxixe*. Embriagar e colorir a vida é transportar o inusitado e o intempestivo para dentro da axiologia, fazendo escorrer por entre os dedos os fluxos que migram da vida efetiva e, ao mesmo tempo, projetar na ressonância as suas luzes na grande luz instituída na magia dos códigos.

A brincadeira dionisíaca propulsora do êxtase habita os lugares escusos e silenciosos ou revela, no lodo do pântano, os ritos de embriaguez causados pela satisfação encantada da vida. O homem não pode se submeter ao instituído. Quão grande a necessidade de subverter o tempo e revelá-lo uma criança extemporânea! Como é intensa a magia de transpor todos os limites e encontrar o belo e o sublime nas taças amargas ou nos famélicos e fétidos corpos massacrados pelo tormento da cultura ou pela violência dos nobres detentores dos sonhos!

A magia da embriaguez encontra-se atravessando uma corda sobre um abismo. No silêncio dessa intensidade, há o risco. Descobrir o risco e o acaso das lutas é saltar pontes e interceptar as metas. Para Nietzsche, na sua tragédia moderna, *o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo* (Nietzsche, 1986, p. 31). É saber que a travessia é perigosa, mas que o lugar do homem é o risco.

Correr riscos é ter a capacidade de transgredir, criar e, principalmente, apaixonar-se pelo desconhecido. É ter a capacidade de esquecer e, a partir da inocência, e só pela inocência, é que o homem pode encantar-se ou embriagar-se com a vida.

É esse instinto criador que fora afogado pelas águas da razão. Diante disso, o mais razoável

seria afogar a própria razão para que o homem pudesse fluir nos seus encantos criadores. Esses feixes de ressonância estética que, principalmente, são transfigurados nas imposições da vida, podem fluir nas composições artísticas e nos fluxos que rompem com a binária oposição imposta à realidade. A embriaguez solta no seu encanto. Torna o mundo detentor de múltiplos sentidos. Torna o signo polifônico em sua constituição estética, estilística ou semântica.

Saint-Exupéry (1997, p. 42), ao construir os passos de *Le Petit Prince*, coloca-o frente à embriaguez. É então que o príncipezinho mergulha em uma profunda melancolia. É provável que seja tão intensa quanto a outra tristeza a que outrora fora submetido, ao ver e encantar-se com o pôr-do-sol. É que a melancolia é um sentimento de pesar e desgosto. A melancolia torna impotente e se aproxima do tédio. É um desencanto em relação ao mundo que, sendo doloroso, não pode impedir que a melancolia e o tédio transmudem. Isso pode ocorrer através da dor ou da paixão. Sendo extremamente próximas, a dor e a paixão também atravessam a corda que outrora fora atravessada pela embriaguez e que se pode mover em pequenas trilhas ou labirintos que, tenuamente, separam a loucura da criação estética.

Apesar de vivermos de forma segmentarizada, os mesmos segmentos são trespassados por fluxos de grande intensidade, revelados no risco da embriaguez. Contudo, é essa embriaguez que mantém vivos os instintos humanos. É transmutando os ritos e vivendo o acaso das lutas que se pode intuir no campo desejante que monta e desmonta um sujeito.

Para Saint-Exupéry (1997, p. 42), o bêbado é constituído em tom de melancolia e vergonha. Funda na dor o esquecimento promovido pela embriaguez desnudada nos campos de perplexidade que se recriam na inocência.

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita foi muito curta, mas mergulhou o príncipezinho numa profunda melancolia.

– Que fazes aí? Perguntou ao bêbado, silenciosamente instalado diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias.

– Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre.

– Por que é que bebes? Perguntou-lhe o príncipezinho

– Para esquecer, respondeu o beberrão.

– Esquecer o quê? Indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.

– Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça.

– Vergonha de que? Investigou o príncipezinho, que desejava socorrê-lo.

– Vergonha de beber! Concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio (Saint-Exupéry 1997, p. 42-43).

Aqui, Saint-Exupéry (1997, p. 42-43) analisa a embriaguez de forma extremamente normativa. Está ligada à vergonha e é capaz de promover a noção de pena ou culpa no “infeliz” “beberrão”. A embriaguez báquica (ou dionisíaca) é a propulsora da criação estética. É o deus da transformação e revela-se no teatro. Penetra todos os lugares e está sempre em movimento. É um deus que dança e canta. É um deus embriagado, erótico e fértil.

De um ponto de vista simbólico, o deus da mania e da orgia configura a ruptura das inibições, das repressões e dos recalques. Na feliz expressão de Dafradas, Dionísio simboliza as forças obscuras que emergem do inconsciente, pois se trata de uma divindade que preside à libertação provocadas pela embriaguez, por todas as formas de embriaguez, a que se apossa dos que bebem, a que se apodera das multidões arrastada pelo fascínio da dança e da música e até mesmo a embriaguez da loucura com que os deuses punem aqueles que lhes desprezam o culto. Desse modo, Dioniso retrucaria as forças de dissolução da personalidade: a regressão às forças caóticas e primordiais da vida, provocadas pela orgia e a submersão da consciência no magma do inconsciente (Brandão, 1999, p. 140).

O combate à embriaguez é muito fluido e inconsistente nas páginas que se sucedem no livro de Saint-Exupéry. Seguem o homem de negócios que só tem tempo para o dinheiro; o acendedor que não pode descansar, pois o tempo fica cada vez menor; a organização do geógrafo e da própria terra; a flor que retorna mas não é a única, e a raposa que invoca a responsabilidade e que nos brinda com a famosa frase: *Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas* (Saint-Exupéry 1997, p. 72). Não bastasse a responsabilidade com o outro, é aqui pedida a eternidade. Esqueçamos a eternidade e transformemos a responsabilidade normativa em cuidados passionais que se intensificam nos liames de temporalidades marginais, mas que se constituem no respeito ao diferente.

CONCLUSÃO

Caminhar sem lugar é configurar-se em temporalidades díspares. Recorrer ao invisível, no trágico retorno, é erguer as setas pontiagudas contra um inconformado passado constituidor de verdades eternas. É que o silêncio não se pode mover entre as âncoras que se escoram no lamaçal circundante da impossível felicidade. Qual o lugar da harmonia, do sonho e da beleza? Qual o intuito de se removem os campos propulsores de invenção? Inventar é a grande tarefa da humanidade e isso não seria possível sem o mínimo de transgressão.

A embriaguez ocupa um lugar que se inicia na manifestação da autonomia criadora. Para isso, há que se lançar contra a temporalidade disciplinada e normalizada, cujo objetivo é furar os segmentos e os instantes marcados pelos ritos que só se tornam visíveis na inocência apaixonada da criança. São nesses territórios – confusos, lamacentos e trágicos – que se encontram povoados por sujeitos nômades. Só os mais escondidos ganham visibilidade, tornando-se os olhares aparentes outros olhares gestores de pequenos, porém intensos fluxos de paixões embriagados pelos instantes presentes. É essa autonomia criadora que impulsiona os nossos ritos criadores e transgressores de valores e da cultura. Há que se pensar na autonomia dos indivíduos que resistem aos intensos atos normalizadores.

É que se faz razoável apropriar-se do vazio no instante de constituição dos sujeitos do presente. É urgente que se acorde a criança escondida para que se possa ver o outro lado do mundo. O encanto do silêncio é reeditado no lugar onde outrora se escondera do instituído. Só no campo das paixões e da embriaguez estética é que se pode revelar que o homem deixa viver os seus instintos, apesar da razão, da moral e da religião.

O lugar do sonho não pode inviabilizar a possibilidade da criação. Esse é o lugar da embriaguez. Possíveis conexões só encontrarão um lugar na corda que encontra, no risco, os fluxos necessários para olhar a fina membrana que “separa” a loucura e a invenção.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DELEUZE, G. **O Anti-Édipo – Capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa, Assírio & Alvin, 1996
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, pp. 15 – 37.
- MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. São Paulo: Opus, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Para a genealogia da moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1983b. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Considerações extemporâneas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983c. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Sobre a verdade a mentira no sentido extra moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1983d. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Ecce Homo**. São Paulo: Abril Cultural, 1983f. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Assim falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, **O Pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.